

CONDIÇÃO DAS MÃES NA PÓS GRADUAÇÃO: NARRATIVAS DE OPRESSÃO

Mádhava Hari Cezar dos Anjos¹

RESUMO

A presente pesquisa discorre sobre a mulher, mais especificamente, na condição de mãe e sua relação com a vida acadêmica na modalidade do ensino de pós-graduação e as narrativas opressoras com as quais se depararam durante o mestrado, que fazem parte de ações do coletivo. Ações excludentes da condição da mulher fazem parte do cotidiano numa sociedade baseada na cultura patriarcal, libertar-se dessa estrutura acaba muitas vezes sendo um ato de resistência. Nessa perspectiva a referente pesquisa fundamentou-se teoricamente através de uma revisão bibliográfica, onde através de um estado da arte percebe-se poucos escritos nessa direção. Entrevistas às alunas que estão no mestrado, aproxima ao objeto de estudo e revelam com propriedade as dificuldades das que ousaram romper com a lógica do patriarcado. Por fim trazer o recorte racial para as acadêmicas negras e seus enfrentamentos e intersecções acumuladas em seu percurso.

Palavras-chave: Mães, pesquisadoras, pós-graduação

INTRODUÇÃO

Este artigo trata sobre as questões que atravessam as narrativas direcionadas às estudantes/pesquisadoras, da pós-graduação, relacionadas à sua condição de mãe. A vida acadêmica e sua construção social hierarquizada e institucionalizada traz consigo nuances muitas vezes excludentes para este grupo de estudantes/pesquisadoras que possuem condição materna e se tratando desta situação, mães de bebês trazem diversos estigmas e narrativas excludentes para estas mulheres no território acadêmico.

A produção do conhecimento científico é marcada por um longo tempo foi direcionado à uma elite que possui um padrão de gênero, raça e classe social na sociedade. A desconstrução dessa lógica patriarcal que fundamenta moldes da economia capitalista, traz à tona o debate da inclusão das minorias, reparos aos excluídos historicamente e de inserção social daqueles que sempre estiveram à margem dessas oportunidades.

Se os cursos de graduação que além de promoverem uma melhoria na vida socioeconômica estava relegado à poucos, o ensino de pós-graduação, ainda nos tempos atuais parece não acompanhar à essa lógica de debates em torno de valorização de minorias historicamente marcadas pela exclusão. Abordar mães estudantes/pesquisadoras na pós-

¹ Mestranda do Curso de pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades UFRPE/FUNDAJ madhavahari16@gmail.com;

graduação é acrescentar mais de um processo de opressão, considerando a especificidade de sua condição, a saber: mulher, mãe, ser mãe solo, sua classe social, sua raça, entre outras interseções.

Se faz necessário destacar que aqui estão expostas questões gerais sem adentrar em questões muito específicas, pois iria exigir uma pauta ampla e um debate em larga escala desde as normas institucionais, às questões sociais que atravessam à pauta das mães/pesquisadoras.

Dessa forma pretende-se analisar narrativas opressoras às mães estudantes/pesquisadoras da pós-graduação e para isso, com intuito de aproximação do objeto da pesquisa foi realizada entrevistas com as três mães estudantes/pesquisadoras, além de uma revisão bibliográfica, que promoveu um diálogo entre os teóricos e a vivências dessas discentes fornecendo subsídios onde é possível perceber que mecanismo de opressão do patriarcado estão nos mais diversos espaços sociais, incluindo a academia onde tanto se discute a produção do conhecimento e por outro lado é também espaço de exclusão e opressão.

METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida consiste no diálogo teórico a partir da revisão bibliográfica sobre a temática a saber as mulheres, opressão de gênero, maternidade bem como a produção do conhecimento científico este último que sempre esteve muito marcado pela figura masculina. Além dos referenciais teóricos interagir com a realidade se apresenta fundamental para que não fiquemos apenas na teoria. Dessa forma utilizar dados de entrevistas com mães pós-graduandas traz a realidade à tona para que seja possível perceber o impacto das narrativas no desenvolvimento da atividade acadêmicas pelas mães.

DESENVOLVIMENTO

O espaço da produção do conhecimento científico ainda possui viés de uma instituição muito presas às amarras da lógica da ordem econômica capitalista de ser e estar no mundo. Atender a dimensões do mundo do qual está inserido têm sido parte de um constante desafio para os profissionais que ali tentam arduamente promover um debate crítico ao modelo econômico vigente e que através de seus tentáculos influencia vários aspectos da vida social

dos cidadãos. A lógica marcada pela quantidade, produção e prazos curtos desumanizam o processo de produção escrita.

Ainda nesse contexto aspectos sociais significativos como a condição da diversidade existente na pós-graduação, parece ser algo estranho a sua própria existência e dessa forma, excluir, muitas vezes ao invés de exceção, se transforma em regra. Possuir mecanismos limitados para lidar com entraves que fazem parte do cotidiano dos que escolheram o caminho da pós-graduação têm alimentado as tensões e processo de exclusão: condições de sustento durante o período do mestrado, considerando que o estudante tem que se dedicar em regime integral às atividades do mestrado; condições de raça, condições de gênero, orientação sexual e classe social têm encontrado barreiras a serem superadas para que a diversidade chegue ao território acadêmico da pós-graduação.

Não é algo incomum ouvir de orientadores e professores que o ideal é que as mulheres não devem engravidar no período do mestrado, menos ainda no período da elaboração da dissertação, para não atrasar a pesquisa. O controle dos corpos das mulheres faz parte da lógica do patriarcado, essas idéias reproduzem a tentativa de controlar as mulheres através de sua potência de reprodução além de dar ênfase a tentativa de limitar a mulher através da maternidade. Uma criança possui dois responsáveis por sua existência, mas a partir do momento em que vem ao mundo, a sociedade tende a responsabilizar quase que exclusivamente às mulheres por seus cuidados e sua educação.

Desconsiderando o fato da responsabilização paterna, uma de nossas entrevistadas, ouviu de uma das professoras que “*Que a mesma possui uma filha para cada evento*”, quando em dois eventos diferentes do programa precisou levar duas filhas. A mesma é mãe de três com idades diversas, 1 ano, 10 anos e o último de 18 anos. A mesma relata diversas dificuldades devido suas condições de mãe estudante/pesquisadora. Que durante a pós-graduação deixou de realizar atividades onde necessitava se ausentar do convívio de seus filhos, devido viagens de três dias e por não poder levá-los, já que possuía tenra idade. Relata ainda que durante uma aula de campo resolveu levar sua bebê de um ano que ainda mamava, mas foi impedida de ir no ônibus com os colegas, por ser da instituição e não poder nele levar sua bebê. Seguiu em seu carro, fazendo todo o roteiro dos demais colegas.

Os moldes institucionais pararam no tempo e não corresponde com eficiência a diversidade social dos tempos atuais. Ao serem indagadas acerca das dificuldades relacionadas ao mestrado, uma das entrevistadas (chamaremos entrevistada 2) expôs: “*minha maior dificuldade é não ter uma bolsa pra fazer pesquisa que não é minha é pra sociedade.*” Por ser mãe precisava fornecer condições estruturais e de subsistência à sua filha. O fato da

pós-graduação ser em tempo integral dificulta você relacionar trabalho/universidade. Além da condição de não receber a bolsa a tensão do estar na academia sem possuir as condições estruturais incomoda: *“e quando você problematiza isso tudo pra universidade é que você está se vitimizando, você está lamentando demais, mas a universidade quer discutir raça, classe, interseccionalidade, mas não quer reconhecer a realidade de mãe pós-graduanda, negra, periférica que está ali trazendo as questões estruturais, estruturantes e institucionais que todo mundo quer colocar nos seus documentos, principalmente quando se discute questões de descolonização, decolonialidade mas você não reconhece essa realidade, porque ninguém quer se deparar com os seus próprios privilégios. Quer falar sobre colonialidade, mas não quer rever seus atos de colonialidades.”*

A falta de mecanismos estruturantes às mães contribuem e muito para que não participem de atividades que vão desde aulas até eventos científicos, como relata a entrevistada 2: *“Sim, já deixei de ir a congressos sim, porque como deixar a filha com quem pra passar dois, três dias num congresso, por falta de toda essa estrutura”*. A questão racial entra com muita força nessa condição de mulher *“não se quer potencializar a mulher negra [...]”* *“é você de fato lidar com um espaço de autoridade branca,”*

A dureza das palavras são um peso para que muitas delas forcem a vencer a lógica que tentam impor que ali não é o seu lugar social, relata a entrevistada que teve que ouvir que *“devido toda dificuldades estruturais, **que talvez não fosse o momento de estar numa pós-graduação**. Claro vindo de uma mulher branca, à mulher negra é sempre relegada a função de cuidar.”* Suas palavras demonstra um cotidiano de enfrentamentos que as mães pós-graduandas enfrentam e que não se pode desconsiderar a interseccionalidade da raça, que nos mostra um acúmulo de opressões. Ela revela ainda que todos esses contextos *“já resultaram em alguns surtos”* e deixa evidente que é *“assim que o racismo vai encontrando formas de te dizer que ali não é o seu lugar.”*

A dinâmica que vive a sociedade em sua luta de classes e seus aspectos estruturais sobre a condição da mulher e a condição da raça, também permeiam o espaço da universidade *“ não se considera nem que uma mulher negra possa ter uma pós-graduação, as pessoas até conseguem engolir e entender, mas na real, não aceitam. não aceitam com olhares, com essas falas, com essa estrutura. Isso tudo é mecanismo de exclusão, pela condição de ser mãe, mulher e negra.”*

A questão da interseccionalidade fica ainda mais evidente que a entrevistada 2 segue relatando os motivos que a levaram a buscar sua formação na modalidade da pós-graduação *“decidi fazer a pós-graduação por muitas questões que a atravessam, ser uma mulher negra*

integralmente, acabei de terminar um curso superior e a necessidade de dar continuidade, na minha família as pessoas acessaram a informação de estar numa universidade pública e nem privada. Eu fui a primeira mulher a estar. Concluí o curso e engravidei quando estava defendendo a minha monografia. A proposta era emendar com mestrado, mas não foi possível por não ter sido uma gravidez muito agradável no sentido do percurso e das coisas que foram atravessando. Foi precisando sobreviver mais uma vez, a mulher negra está sempre sobrevivendo. É muito diferente de uma mulher branca. E aí decidi fazer pós-graduação pra não enlouquecer já que passei por uma depressão pós-parto e decidir fazer pra sair um pouco deste ambiente, para educar minha filha numa outra perspectiva, ela também precisa de referência que eu acredito que ocupar este lugar na universidade que eu acredito ser pra mim, pra ela e pra todos ao meu redor.”

Não apenas o fato de ser mulher e na condição materna, mas a condição social da mulher negra, encaixa numa estrutura que é ainda mais massacrante em diversas condições e como se não bastasse, na academia, também: “o racismo operava de forma tão profunda no movimento sufragista feminino que as portas nunca se abriram de fato às mulheres negras.” (DAVIS, 2016, p. 149).

O relato da entrevistada 2 traz um novo recorte que deve ser considerado as questões sobre a maternidade, ainda tornar-se mais difícil no trato da mulher, negra, mãe. Que carrega o acúmulo das opressões em sua história e no seu cotidiano ainda relacionando com a vida acadêmica: “a relação com a universidade também que é muito tensa. As pessoas estão sempre cobrando e você está sempre correndo. Pensando como mulher negra você já está atrasada e numa pós-graduação com um bebê, a gente tá mais atrasada ainda. A minha rede de apoio que já é limitada, não acessou a universidade, então muitas vezes não compreende algumas falas, especialmente as mulheres negras. Parece excessivo algumas falas, a fala do cansaço, a fala de que precisa escrever, a fala da entrega do documento, a fala de que preciso escrever, a fala que não tem tempo, a fala que não consegue arrumar a casa, a fala que não consegue levar a filha no médico e o retorno é sempre ‘que é assim mesmo!’ e a gente sabe que não é assim mesmo por que não é assim mesmo pra toda mulher. As mulheres de fato vivenciam diversas dificuldades quando são mães, mas existe uma mulher pra sociedade e essa mulher é a mulher branca, a mulher negra é outra coisa, um outro tipo de sujeita.”

Numa sociedade fundamentada pelo patriarcado, onde esperasse a submissão” da mulher ao homem, onde a mulher é vista em espaços como subalternas e sem incentivo a

exercerem ocupações caracterizadas pelo pensar, construir, produzir, principalmente conhecimento, isso fica evidente através da fala de um líder espiritual com grande alcance no cenário nacional, onde o mesmo enfatiza: “ *Você vai fazer até o ensino médio. Depois, se você quiser fazer a faculdade, você que sabe, mas até o seu casamento você vai ser apenas uma pessoa de ensino médio*”.

Ao continuar seu repertório baseado no patriarcalismo, o líder espiritual expõe o lugar da mulher “*Um homem tem que ser ‘cabeça’, porque se não forem ‘cabeça’, o casamento deles estará fadado ao fracasso.*” Burlar a normatividade que é dirigida à mulher enquanto gênero, tem sido mais que um desafio, um enfrentamento cotidiano contra essa cultural social de inviabilizá-la e colocá-la em espaços considerados subalternos “*papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar.*” (LOURO, p.24)

Compreendendo os aspectos sociais, culturais e históricos em torno do controle da mulher através da maternidade e diante do contexto acadêmico da pós-graduação que surgiu em uma página nas redes sociais que realiza ações em eventos acadêmicos na tentativa de conseguir acolhimento para as mães/pesquisadoras e que participem dos eventos sem terem que passar por nenhum tipo de constrangimento devido sua condição. A iniciativa do Observatório Cajuína traz a tona a democratização dos eventos científicos através do acolhimento de todos(as) respeitando a diversidade. Em carta aberta aos congressos expõem pontos importante a comunidade científica “*É preciso lembrar que existem bebês que ainda mamam, não podem ficar tanto tempo longe da mãe. Existem mães solo, existem mães sem rede de apoio, existem crianças que não conseguem ficar com outras pessoas por muito tempo pelos mais variados motivos. Portanto, excluir crianças significa excluir mulheres!*” (Carta Aberta, Observatório Cajuína)

Ao evidenciar este tipo de debate o Observatório Cajuína dar voz a diversas mães/congressistas que desejam ocupar espaços acadêmicos, muitas vezes ainda tão engessados pela cultura do patriarcado, onde ações: “*A ação mais simples que um evento pode realizar é divulgar que as crianças serão bem recebidas e garantir que todo o suporte moral será dado, protegendo institucionalmente essas mulheres dos olhares e ações, tão reforçadas na nossa cultura, de exclusão.*” (Carta Aberta, Observatório Cajuína)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos relatos acerca da condição das mães na pós-graduação percebe-se o quão difícil essa estrutura se apresenta para acolher a diversidade que marca a condição humana. Como através de normas, referências, prazos e requisitos se constrói um espaço acadêmico que mais exclui a diversidade do que acolhe, considerando suas especificidades.

Percebe-se que dentro da universidade muito se discute sobre este processo e mecanismos de exclusão, mas até a prática o caminho é longo e perpassa pelo entendimento dos privilégios de uns e conseqüentemente na alteração desses privilégios que ainda é algo difícil de ser mexido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto apresentado mostra-se fundamental a reflexão acerca dos lugares dos 'sujeitos' sociais e a percepção de que normatizar os sujeitos fogem a lógica de acolher a diversidade. Os indivíduos possuem suas especificidades que devem ser respeitadas e não desencorajadas de atuarem na sociedade da forma que desejam.

Percebe-se ainda a importância daqueles historicamente excluídos pela sociedade de ocuparem esses espaços e o quanto isso gera um enfrentamento desgastante contra o sistema de opressão e muito relacionada a sociedade e sua ordem econômica de produção. Se faz de suma importância que a diversidade encontre estrutura necessária para que possa produzir conhecimento e tenha suas condições específicas respeitadas.

Sendo a maternidade condição de algumas mulheres quando adicionada a condição da mulher negra, percebe um aumento na dificuldade na estrutura de sua posição social já que mecanismos de exclusão se sobrepõem de forma a causar um desgaste e necessitar da resistência dupla, tripla e etc, para que uma mulher negra, periférica consiga sobreviver no espaço acadêmico se comparado a estadia de uma mulher branca.

Nesse contexto os mecanismos de exclusão atuam na sociedade sob diversas formas e aspectos, mas a intenção comum é de colocar cada ator social no seu espaço no seu lugar. Fugir a esta norma é quebrar uma fronteira social e abrir espaço para a diversidade e para que a mulher 'não seja obrigada a nada.'

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2014.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011

Carta aberta Do Observatório Cajuína, acessado em 26/09/2019, <https://observatoriocajuin.wixsite.com/cajuina/blog/escreva-seu-blog-pelo-desktopepelomobile?fbclid=IwAR1jymkifR0Gk6JlIKYH88Sk24sLtZ1NxaJft6dKBvh1ye0PzPwE-1Qa7u0>

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 1997.